

Director
Justo da Paixão
Editor
Ferreiro Alves
Redacção,
Composição
e Impressão
Largo de Santana,
62-Abrantes.

BALUARTE

Semanario Republicano de maior circulação no distrito de Santarem

Órgão do P.R.P.

Assinaturas:
6 meses 6325
Um ano 12550
Numero avulso
25 centavos

208

CONSCIENCIA REPUBLICANA

SEMPRE que passa novo aniversario da proclamação da Republica, uma serena e lucida meditação se impõe aos republicanos sinceros. Tanto sobre as causas que determinaram e provocaram esse grande acontecimento.

É indispensavel, com effeito, não perder de vista que a Republica apresenta-se, em Portugal, como uma necessidade colectiva. Não appareceu ao acaso, não nasceu de exigencias teóricas, nem de propagandas restrictamente ideológicas. Vive na alma do povo, e constitue a mais antiga tradição governativa do paiz — anterior, como o demonstra documentadamente o illustre sabio Ricardo Severo, á propria formação da nacionalidade historica. Recebemo-la, em herança indestructivel, dos nossos avós lusitanos, mantivemo-la até sob a conquista romana, tão niveladora, no entanto, e, mais tarde, no sentimento democratico da raça — conservado sem desfalecimentos — se apoiaram os proprios reis absolutos que souberam governar em nome e para vantagem do interesse comum, e não apenas das ambições dinasticas. Era logico e natural, por conseguinte, que no momento em que a Democracia se organisava definitivamente em todo o mundo, os portuguezes a quizessem tambem triunfante na sua terra, para isso lutando em sucessivas e nobres tentativas, victoriosas emfim no dia 5 de Outubro de 1910. E esse facto notavel correspondeu, não só ao ajustamento das nossas instituições ao regime adoptado na maioria dos paizes cultos, mas ainda, e sobretudo, á realisação de profundas aspirações da comunidade, atravez dos seculos afirmando, sua força, sua pureza, seu impeto, seu idealismo sadio...

Aconteceu, porém, que elementos varios e nocivos se tinham infiltrado antes em Portugal. A inquisição, por exemplo, a inquisição, que nos ensinara habitos de intriga e delação, e que dera á inveja fóros de energia correctora de costumes, e coigira a desconfiança mutua em regra social. As melhores intenções de generosidade e de solidariedade — asfixiavam no ambiente deletéreo assim creado. Quando chegou a Republica, esse ambiente ainda envenenava a Nação. E decerto nenhum outro motivo pode explicar

mos de união de esforços, de tolerancia reciproca, de respeito entre os combatentes da mesma causa e do mesmo credo — encontrassemos ódios, furia desmedida e dissensões, manifestando-se em campanhas incidiosas, e na triste mania das sindicancias a proposito de tudo e de nada. A atmosfera da Republica, nos seus primeiros anos, que tão limpida e cristalina devia ser, enublou-se da poeira miasmatica, levantada levemente, a ponto de não permitir que toda a gente visse o brilho, a probidade e o alto significado da obra republicana...

Urge que nos inspiremos na certeza de que a Republica, é a nossa forma de governo tradicional, e portanto *essencial*, e de que, lutando por ella, cumprimos um dever patriótico por excelencia. Urge que abandonemos as praticas de desunião, de desentendimento, de intriga, que por demais teem posto em perigo os destinos da Nação e do Regime.

Será essa a unica maneira de conquistar, de espalhar, ou de fortalecer, esse orgulho constructivo, essa energia propulsora de gloriosas ações e de ideias uteis, que tanta falta nos faz e á qual é bem legitimo chamar — **consciencia republicana**.

Outubro 1929.

JOÃO DE BARROS

Generosidade

A população de Lisboa erguera-se tranquilla na manhã do dia 2 de Outubro de 1910.

Iniciou a sua labuta quotidiana como sempre, morejando na anciedade de ganhar o seu pão. Decorridas poucas horas do dia, já sobressaltado, ei-lo como um leão ferido que abandonou a caverna e saí á selva resolutos a abater a golpes energicos mas ligeiros o causador do seu sofrimento. Nessa manhã foi assim: O povo vem á rua abandonando a oficina para inquirir a verdade do que corria a respeito da figura veneranda e prestigiosa do caudilho republicano-liberal Dr. Miguel Bombarda. Dizia-se que tinha sido assassinado por um louco.

Assim succedera. A verdade foi constatada amargamente, porém não tinha sido o assassino um louco, mas um doente, cujo estado patologico, quem o sabe, talvez fosse aproveitado por varios Peres ou Limas que habilidosa e oportunamente lhe armaram o braço homicida.

O povo de Lisboa, simples, generoso, bom, resignado, sentindo que

as balas assassinas que para sempre prostraram o famoso caudilho representavam a desfeita maxima lançada ao seu franco rosto.

Pensou exigir exemplar castigo para o homicida, mas para quê? Se os governantes não lhe mereciam confiança porque a todo o momento desrespeitavam as liberdades publicas, negosprezando os direitos dos governados, amesquinhando tambem os ideais generosos de que desde 1820 o povo vinha demonstrando possuir. Sabia que o consideravam como um simples subdito, já porque a epoca não permitia que o fosse como escravo, contra o desejo dos senhores que a seu belo talante governavam este pais.

Animado pelos caudilhos republicanos immediatamente pensou em abater a rasgos de audacia, de valor e de valentia o trono carcomido e pôdre dos Braganças, capa remendada de todas as ignomias e tranqui-bernias.

O povo com o Exército republicano e a Marinha, lealmente, inicia a luta na madrugada do dia 4, batendo com de e rudeza os defensores de trono e do altar que prestes foram obrigados a lepor as suas vidas e a fugir para terra estranha.

Ralava o glorioso dia 5, o povo que por completo pejava a praça do Municipio e cercanias, impunhando ainda as armas, confraternizava possuido de grande entusiasmo, aclamando delirantemente a Republica que desde as 8 horas era um facto em Portugal, aspiração maxima da maioria da população do pais.

Entretanto os seus inimigos, escondiam-se, fugindo ao castigo, que contavam lhes fosse infligido.

Mas não, o povo, esse mesmo povo, que basta vezes tem dado provas de tanta generosidade, esquecera-os guardou-lhes até os haveres, durante todo o tempo da refrega. Outro tanto não succedeu por parte dos inimigos — figadais inimigos, das instituições vigentes, pois logo que estiveram confiados e certos da impunidade para os seus immensos crimes, desceram á praça publica como lobos esfaimados aos povoados, infiltrando-se alguns nas hostes republicanas para melhor atraiçoarem o regimen; outros correram á terra estrangeira onde se armaram, entrando mais tarde no paiz animados do criminoso proposito de provocar e fermentar a desordem, entrando assim a marcha triunfal da Republica.

Todavia foram sempre vencidos e sempre perdoados nos seus crimes de odio contra o regimen escolhido pelo povo.

Tanta generosidade para quê? se o odio e a traição monarchica não caíam. O mais vivo exemplo de que o seu odio é capaz de promover, já foi exuberantemente demonstrado durante a vigencia da efemera monarchia do norte — a traulitania — onde se apresaram a decretar — como premio de consolidação aos liberaes a pena de morte para os que professassem ou propagassem o ideal sacrosanto da Liberdade e da Democracia. Nesse periodo de negregada memoria todos os individuos reconhecidos como liberaes foram barbaramente espan-

cados por verdadeiros sicarios cuja furia deixava a perder de vista a dos esbirros de Santo Officio.

Desfeita a aventura dos trauliteiros o que fez o povo? Esqueceu de nove os agravos recebidos na esperança de que os bandoleiros soubessem corresponder a tanta generosidade arripiando caminho.

Arripiam? "Aguas passadas não movem moinhos" mas entretanto é necessario de que os republicanos relembrem o que foi olvidado, colhendo salutares exemplos para prestigio da Republica.

Viva a Republica!

Antonio Valente

Dr. João de Barros

Dá-nos a subida honra da sua colaboração o sr. dr. João de Barros, uma das mais altas figuras intellectuais do nosso paiz.

Escritor distinto e poeta dos mais primorosos, dum talento fulgurante e duma intelligencia plena de brilho o sr. dr. João de Barros, desvanecce-nos, permitindo-nos contá-lo no numero dos nossos colaboradores.

Palavras Sinceras

Quem, como nós, batalha no campo da imprensa, com a intima convicção de cumprir um dever a que se impõem principios de honra e de justiça; quem, como nós, olha para a folha do jornal, como quem olha para um pedaço da nossa propria alma, que, embora contra tudo e todos, queremos manter immaculada e digna, quem, como nós, entende que nenhuma profissão deve ser, mais altamente mantida do que esta ardua, mas por isso mesmo bela profissão de jornalista, não pode deixar de sentir a irritação subir-lhe ao peito e uma sombra de tristeza invadir-nos, quando vemos introduzir-se no nosso meio, quem de principios só conhece o tilintar da bolsa de Yago, que somente se quer cheia de dinheiro, e enquanto ao mais, dignidade, virtudes civicas, brio, tudo isso só poderá ser util, caso se possa estender... no balcão, a leiloar!

E' este ultimo caso o que se dá com um semanario que para ahí vegeta, ostentando o titulo de «Jornal de Abrantes», conspurcando assim dois nomes dignos de veneração.

Não dizemos isso por se tratar dum adversario. Não. Altamente declaramos que até satisfação teriamos em tecer armas com um antagonista nobre, embora altivo, com um antagonista convicto dos seus ideaes, embora teimoso, mas sobretudo limpo e sincero. O combate em taes circunstancias só nos daria ocasião de mais alto e melhor fazermos brilhar as ideias nossas e que muito queremos!

Mas com aquilo! Onde há convicções onde há nobreza, onde há sinceridade naquela folha? Camaleão e fargante, em maus jogos malabares, diz se catolico quando isso lhe é util para encher a bolsa de... Yago, mas se lhe convier tambem ataca o catolicismo precisadamente com a mesma pena, e o seu mentor até espirita é, desobedecendo assim aos chefes da sua Igreja. Diz-se monarchico e diz-se republi-

ASSINAI O "BALUARTE"

Os 'Policarpus' da Guerra e da Política

O Coronel Sr. Paes Mamede, distinto escriptor militar e combatente da Grande Guerra, publicou, há pouco, no jornal a "VOZ DOS COMBATENTES", um escriptor com o sugestivo título — "O Senhor Policarpo", que provocou justificada sensação e foi traído em varias publicações.

O Senhor Policarpo que a pena brilhante do ilustre militar caustica e ridiculariza, focando nele e duma forma admirável, a psicologia do espertalhão que da Guerra conseguiu tirar o maximo proveito, pescando nas aguas turvas e enchendo a burra sem arriscar um cabelo, chafurdando durante todo o tempo que durou o grande conflicto, não na lama mal cheirosa e insalubre das trincheiras da Flandres, mas na vasa da sua propria ignominia e ganancia, é, nesta patria, um simbolo.

De tantos arrivistas que a republica criou, fora o Policarpo tambem atraído, não pela essencia de uma democracia pura, racional, perfeita; mas pelos lucros e honras que a republica lhe podia dar escreve o Sr. Paes Mamede.

Na verdade, foram os arrivistas desta laia, portugueses de grande estomago, que produziram os varios policarpus e antes e depois da Guerra.

Os primeiros, antes da nossa entrada no grande conflito, bradaram a plenos pulmões: "A nossa honra... a grande gloria para Portugal... a defesa das nossas colonias..." depois, enquanto os nossos officiaes e soldados morriam nas trincheiras, ou nos areaes calcinados da Africa, enriqueciam, em Portugal negociando milicianamente, no dizer do Sr. Paes Mamede, com chouriços de carne de burro, empolas com agua em vez de quinho, caixas com serradura em vez de bolacha; etc, etc.

Emquanto aos segundos, é ver como, no tempo em que a cornucopia partidaria entornava sobre eles favores e benesses, se esbafavam, por centros e comícios, a dar vivas á republica, á liberdade de pensamento, etc, etc, e como agora, que os tempos não correm propicios e a cornucopia deixou de lhes inundar as cabeças com o maná que outrora Moisés fez tombar sobre o deserto, se aquiétam, os pobres muito compungidos, muito beatificamente, fazendo esgaras de simio e simulando enjos de mulher grávida, quando dos seus ouvidos castos que outrora ensurdeceram no vozeio dos comícios chegam, embora apenas ciciada ao ouvido a palavra POLITICA.

Estes são os policarpus da dita.

São desta laia os nédios e inclitos cavalheiros que, a cada passo, topamos, belamente instalados na vida, cujo pau de cocagne sem custo e sofredamente escalam a sombra da politica, com conta aberta nos bancos, erbofia de verdadeiros reis do petroleo, bemdizendo a obra de qualquer governo enquanto o fisco lhes não bule com o arranjinhe que, por imovel não poderam depositar no estrangeiro, para a maisnarem logo que se apercebem que o sacrificio tem de tocar a todos e que lhes não vale, se quer, a capa de conservadores com que pretendem hipocritamente iludir os rebates duma consciencia de presidiarios e tapar as mazelas duma vida crapulosa e rapace.

Para este fauna ignobil e repelente de policarpus, escalrachio que, alias, medra em todos os paizes, a patria pouco é, pouco vale e pouco significa.

O tempo dos verbos só o sabem coujugar na primeira pessoa do indicativo: *après moi le deluge* é a sua divisa, a pecunia é o seu unico mobil. Que caia Troia, mas que se lhes não perturbe a digestao de verdadeiras liboas e o seu unico desejo.

Os policarpus da politica como os da guerra são de todos os tempos, de todos os regimes e de todas as nacionalidades; mas, períodos ha em que, devido a uma maior desmoralização de costumes, e, por consequencia, dum tambem maior aviltamento dos caracteres essa fauna abjecta de todos os climas medra e prolifera com maior intensidade e observa-se então o singular espectáculo de meia dúzia de indivíduos, ultimos abencerrados duma civilização que reputam nobre e generosa, se abaterem só no vazio, enquanto os varios policarpus, transfusos cobardes e oportunistas da mesma causa, dos mesmos ideaes, casquinam risadas e em sara-linda infernal saudam o sol nascente, em jubilação interesseira e hipocrita os põe a coberto de incomodos e lhes permite a circulação no budlico nirvana que o seu egoismo exige e a sua consciencia de forçados reclama como anestésico.

Policarpus da Guerra... Policarpus da Política... Devemos afastá-los de nós como quem afasta um perro tihoso e repelente!

G. D.

IMPrensa

Completo mais um ano o nosso presado colega a «Moca» de Faro. Dirigido pelo sr. Manuel Cactano de Sousa, aquele bimensario impõe-se pela sua linha de conduta e independência.

Festejou o seu 12º anniversario o nosso intemerato confrade a «Alma Popular» de Oliveira do Bairro. Um dos mais activos no campo das lutas republicanas a «Alma Popular» é um reduto onde a liberdade e a democracia vivem em toda a sua plenitude.

O nosso colega o Combate reapareceu na data em que fazia mais um ano. Regojando-nos com o facto e felicitando o grande jornalista republicano José Augusto de Castro, amigavelmente lhe manifestamos a nossa extranheza pelo seu artigo de fundação. Embora orientado numa sã doutrina e fazendo jus á verdade, discordamos da sua oportunidade. O momento não é para criminações, que forneçam armas á especulação dos adversarios. E José Augusto de Castro, republicano de sempre certamente concordará conosco.

NOTÍCIAS PESSOAES

Estiveram em Abrantes, durante a semana os nossos presados amigos e assistantes Srs.:

Manuel Marques Coelho, importante comerciante em Lisboa.

João Maia, Antonio Fortunato Soares, e Joaquim Lopes Raposo, de Alvega.

Engenheiro Joaquim Duarte Ferreira do Tramagal; Jeronimo Batista, de Amoreira; Antonio Soares e Antonio Morgado do Souto; Benjamim Calado, de Malpique; Alvaro Damas, João Lopes Gaio e José Marques, de S. Miguel; Joaquim Duarte Pereira, José Antonio Nunes Abreu e Manuel Nunes Abreu, do Rocio.

ALFREDO VICENTE BEXIGA

Retirou para Santarem, onde vai abrir uma casa de venda de mercadorias e outros artigos, este nosso prezado amigo, filho do tambem nosso amigo Sr. Manuel Vicente Bexiga, comerciante nesta cidade. O sr. Bexiga seja muito feliz e que tudo lhe corra como deseja.

FRUTOS SECOS

Jos mais aromaticos para infusão
Compra a Licorista Bons Dias

J. R. Fernandes

ALFERRAREDE

CARRO

Vende-se um, tipo americano com 4 rodas, 5 lugares, uma capota em bom estado e com boa comodidade.

Quem pretender dirija-se a Abilio Calvario.

Bicas — S. Miguel do Rocio Toito

Prensas hidraulicas para Azeite

Antonio Parinha Pereira, de Alferrarede, tem 2 de 3 columnas que vende em conta.

MEL

Vende Antonio Parinha Pereira.

ALFERRAREDE

VINAGRE

Esplendido vende Zefrino Alves da Silva.

ROCIO DE ABRANTES

CASA DOS LANIFICIOS

JAIME PINTASILGO ABRANTES

Previno os meus illustres clientes e amigos que acabo de organizar a coleção de amostras dos meus artigos, podendo enviar quando me sejam pedidas.

Mais informo que acaba de chegar directamente da Fábrica um sortido completo da mais chic coleção para a presente estação e como de costume se vende ao

PREÇO DA FABRICA

Dirija-se V. Ex.ª sem demora ao armazem sito na

Rua Abelar Machado — Abrantes

Nova Escola Progredior

Avenida Duque de Loulé 126-1º Lisboa. Telefone Norte 1587.

Director: Dr. Bento Caeiro, diplomado pela Faculdade de Sciencias da Universidade de Lausanne (Suissa) Prof, Diplom. inscrito nos Liceus.

Internato (Sexo masculino) Semi-Internato e Externato (ambos os sexos.) Os maiores exitos na época de exames. As melhores instalações escolares e a melhor situação no melhor bairro da cidade.

Alimentação abundante e higienica. Espaçosos recreios ao ar livre, Instrução Primaria, Curso Completo dos Liceus e Escolas Comerciais, Linguas, etc. Professores diplomados inscritos nos Liceus.

Laboratorios e coleções para uso dos alunos. aulas com projecções luminosas e cinematograficas, Ginastica, Esgrima e Musica. Está aberta a matricula para o proximo ano lectivo, todos os dias, das 10 ás 19 horas. Envia-se condições de admissão e solicita-se uma visita ás modelares instalações desta Escola.

TRESPASSA-SE

Estabelecimento de cervejaria num bom local da cidade — Tem quintal.

Dirijir a M. D. Oliveira Pinheiro.

Rua Alexandre Herculano, n.º 20 ABRANTES

CERVEJA CRISTAL

A melhor marca portugueza da Companhia União Fabril Portuense.

Pedidos a

José Montes Alves ABRANTES

ATENÇÃO

Antonio Maria Dias, com estabelecimento em Alferrarede.

Vende cevada, aveia e centeio proprias para sementes, por preços sem competencia.

Prensa para azeitona

Vende-se uma manual em bom estado. Dirija-se a R. A. Passarinho

SARDÃO

ASSINAL O "BALUARTE"



FORMIGAS
BARATAS
PERCEVEJOS
PULGAS
TRAÇAS
ETODOS OS OUTROS
INSECTOS

MADEIRAS

JOÃO ALVES CASEIRO & IRMÃO, LT. DA

Vendedores de madeiras de todas as dimensões para a construção civil, das mais boas qualidades da Beira Alta

FORNECEDORES DE TRAVESSAS PARA OS G.ºS DE FERRO

Telegramas: ALVES CASEIRO
ESCRITÓRIO EM TABOÁ

:: Consultar sempre os nossos preços ::

Tenda Abrantina

R.º CORONEL ANTONIO MARIA BATISTA

Francisco R. Jacob

Mercearias a retalho, vinhos finos e conservas

ABRANTES

Englebert

AOS CHAUFFEURS

No vosso proprio interesse prefiram o pneu ENGLEBERT pois é o unico que resiste ás más estradas. Peçam ao Agente

ANTONIO JOSÉ M. LEITÃO

ALFERRAREDE

Manuel Vicente Bexiga

Estabelecimento de Mercearias, Ferragens, Cordoaria, Vinhos por miúdo e outras bebidas.

Também vende rações para gado. Todos os artigos vendidos na sua casa são de optimas qualidades e por preços reduzidos.

Ir a casa de Manuel Vicente Bexiga fazer as suas compras.

ABRANTES

JOAQUIM PAULINO :
Rua do Comercio — ABRANTES



EM EXPOSIÇÃO
Industriais, domésticas e de luxo
Reparações e todos os acessórios



TIPOGRAFIA ABRANTINA

Nesta officina executam-se todos os trabalhos gráficos, com a máxima perfeição e rapidez, tais como: Bilhetes de visita, Bilhetes de loja, Facturas em todos os formatos, Mapas e tabelas por mais difíceis que sejam, Teses, Livros, Jornais, Revistas, Participações de casamento, etc., etc., etc.

Trabalhos a cores e a tinta comunicativa
Impressão em toda a qualidade de fitas para dedicatórias

LARGO DE SANTANA, 62
ABRANTES

: ANTONIO MARIA DIAS :

:: Mercearias, Cereais e Legumes ::

VINHOS E AZEITES

Produtos da Casa

Abel Pereira da Fonseca, Lt.ª

Correspondente da Companhia Inglesa de Seguros

The Licenses & General Insurance Company, Ltd.ª

ALFERRAREDE

Antonio José —
: Henriques Leitão

— COM —

: Serralharia Mecanica e Civil :

Fabrica depositos para azeite, em qualquer capacidade

Montagens e reparações de lagares, noras de todos os tipos, encanamentos, charruas e seus pertences, etc., etc.

Beira Baixa

Alferrarede

HAVANEZA 31 de JANEIRO

DE

AUGUSTO SERIGADO

Antiga casa do imposto Ad-valorem na Estação de Abrantes.

Abriu ao publico onde vende: Bons vinhos, bebidas alcoolicas, cervejas de diversas fabricas, tabacos, estampilhas para correspondencia, jogo para todas as lotarias, etc. Esta casa espera a visita dos bons amigos e freguezes.

Os bailes e descantes populares continuam hoje, como os que há dias se veem realizando no conhecido Parque Mayer (dependencia da Havaneza 31 de Janeiro) junto á Estação do Caminho de Ferro.

Quereis passar uma noite divertida? Ide ao Parque Mayer, onde encontrareis alegria, conforto e deliciosa musica

José Anínes Monteiro

ARMAZEM DE MADEIRAS

Ferragens, Tintas e Oleos, Cereais e Palhas

Mosaicos aos preços da Fábrica

Polvoras do Estado e artigos de caça

Todos os materiais

para construção civil

ROCIO DE ABRANTES

VISCONDESSA DO TRAMAGAL & C.ª

Correspondente de diversos Bancos,

Casas Bancárias

Recebe depósitos á ordem e a praso, vendendo os seguintes juros:

A' ordem	4 1/2 %
A 3 meses	6 %
A 6 meses	7 %
A um ano	8 %

Transferencias gratuitas aos Srs. depositantes.

Efectua todo o género de operações bancárias. Descontos, saques e transferências para qualquer ponto do Paiz e Hespanha.